

ENTREPREVISITAS

QUE RACISTA EU SOU?
A CLÍNICA DO SUJEITO NEGRO: ENTRE A EXPERIÊNCIA
E A SUBJETIVIDADE
ENTREVISTA COM ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA

¿QUÉ TAN RACISTA SOY?
LA CLÍNICA DEL SUJETO NEGRO: ENTRE LA EXPERIENCIA
Y LA SUBJETIVIDAD.
ENTREVISTA CON ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA

HOW RACIST AM I?
THE BLACK SUBJECT'S CLINIC: BETWEEN LIVED
EXPERIENCE AND SUBJECTIVITY.
INTERVIEW WITH ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA

Flávia Bernardi
Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra
ORCID: 0009-0001-6861-2703
Correio eletrônico: flaviabernardi17@gmail.com

Maria Beatriz Vannuchi
Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae,
São Paulo
ORCID: 0009-0000-8932-1094
Correio eletrônico: mbeatriche@gmail.com

Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2025,
durante o XIII Congresso
Latinoamericano de Psicanálise da FLAPPSIP, Lima, Peru
Data de Recebimento: 27 - 10 - 2025
Data de Aceitação: 31 - 10 - 2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Bernardi F. - Vannuchi M. B. (2025) QUE RACISTA EU SOU?
A CLÍNICA DO SUJEITO NEGRO: ENTRE A EXPERIÊNCIA E A SUBJETIVIDADE
Entrevista com Isildinha Baptista Nogueira
Intercambio Psicoanalítico 16 (2), DOI 10.60139/InterPsic/16.2.12
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

QUE RACISTA EU SOU? A CLÍNICA DO SUJEITO NEGRO: ENTRE A EXPERIÊNCIA E A SUBJETIVIDADE

Entrevista com Isildinha Baptista Nogueira

Flávia Bernardi¹

Maria Beatriz Vannuchi²

1 Flávia Bernardi Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul. Psicanalista, Membro Pleno do CEPdePA/Serra - Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra. Supervisora clínica e Coordenadora de Seminários na Formação Psicanalítica da Escola de Psicanálise do CEPdePA/Serra.

Uma das autoras do livro *Pluralidades: a Psicanálise entre o Feminismo, o Racismo e as questões de Gênero* (2022), CEPdePA/Serra. Autora do Prefácio do livro 'A Longa Chuva' (2024), de Adriana Antunes, editora Libertinagem. Membro da Academia de Letras dos Municípios de Rio Grande do Sul - ALMURS.

2 Maria Beatriz Vannuchi, Psicanalista, analista institucional e supervisora clínica. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e integrante do grupo de apoio FLAPPSIP neste departamento. Integra o comitê editorial da Intercâmbio Psicanalítico desde 2024. Foi professora dos cursos Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea (1999-2005) e do Curso de Psicanálise (2004 -2013). Integra o grupo Psicanalistas Atentos às Relações Interraciais do Instituto AMMA- Písiquê e Negritude desde 2018.

Autora de *A violência Nossa de cada Dia: O racismo a Brasileira*, in *O Racismo e o Negro No Brasil: questões para a psicanálise*. (2017) Edição organizada por Noemi Noemi Moritz Kon, Criatiane Abud, & Maria Lúcia da Silva, São Paulo, Perspectiva.

Introdução:

A entrevista com Isildinha Baptista Nogueira aconteceu sob o signo das interrupções. Portas que se abriam, pessoas que queriam entrar na sala e o tempo que parecia sempre se esgotar. Um espaço que precisou ser sustentado, protegido, quase reconquistado a cada minuto — como se a própria cena falasse do tema que nos convocava: afinal, falar de racismo é também falar das formas de interrupção que atravessam a história e a subjetividade: o corte da palavra, o impedimento do gesto, a exclusão do lugar de fala. Em uma hora de conversa, foi preciso resistir para que as falas prosseguissem, para que o sentido não se perdesse, para que o outro — aquele que sempre foi interrompido — pudesse, enfim, dizer de si.

Entre entradas e saídas, o que se produziu ali foi mais do que uma entrevista: foi a busca por uma escuta insistente, um exercício de presença, força e afetividade. E talvez essa insistência — ética e afetiva — seja o que de mais urgente temos a oferecer diante das formas sutis (ou não) de apagamento que o racismo ainda impõe.

Isildinha é uma voz que não se deixa calar.

La entrevista:

*Com uma agenda intensa — uma média de quatro compromissos semanais ao longo de 2025 — Isildinha nos recebeu para uma conversa que se desdobrou em quase uma hora de escuta viva e instigante. Entre lembranças de sua trajetória e reflexões sobre os temas que têm atravessado seus estudos e atividades, ela compartilhou também seus planos para o próximo ano: reduzir o ritmo de atividades para se dedicar à escrita de *A Clínica do Sujeito Negro*, projeto que, como ela mesma contou, já começa a ganhar corpo no papel:*

Isildinha Baptista Nogueira: Moro em São Paulo, sou paulistana. Costumo dizer que a vida foi generosa comigo. Quando defendi minha tese de doutorado, 'Significações do Corpo Negro', a banca recomendou publicação imediata. Fui até a Editora Escuta, de um amigo, Manoel Berlinck, mas a responsável disse: "Esse assunto não nos interessa!". Eu então falei que a tese ficaria na biblioteca da USP e, se alguém precisasse, buscaria lá. Demorou 28 anos para ser publicada, mas circulou bastante: até a Sociedade de Psicanálise de São Paulo tinha uma cópia. As pessoas conheciam o trabalho. Quando finalmente foi lançada¹, no final da pandemia, mil cópias esgotaram-se em uma semana, o livro ficou várias semanas com 5 estrelas pela Amazon, mas nunca houve lançamento formal. Na época, eu dizia: é preciso paciência histórica! Eu precisava também amadurecer com tudo que estava acontecendo. A ideia desta tese surgiu de uma vivência: ao ver uma criança negra desmaiada diante do espelho.

¹A cor do Inconsciente: Significações do corpo negro (2021) Isildinha Baptista Nogueira. São Paulo: Perspectiva

Intercambio Psicoanalítico: *Você pode falar desta experiência que fundou sua pesquisa?*

IBN: Quando eu estava em Paris, fui a convite de um amigo, visitá-lo numa universidade na Bélgica e fomos convidados para almoçar na casa de um casal de professores brancos que tinham acabado de adotar uma menina africana, bem pretinha mesmo. Ela estava com 7 para 8 meses, exatamente a fase dos estranhamentos. Ela tinha acabado de chegar e foi recebida com muito carinho: a gente via no quartinho dela, as coisinhas dela, o jeito que os pais adotivos a tratavam, sempre com ela muito próxima. E quando nós chegamos na casa, eu e meu amigo éramos negros, e ela se retraiu. Mas bebê, nessa idade, costuma não ir com as outras pessoas, porém percebemos que ela sorria, ela olhava e interagia com as outras pessoas. E quando nós chegamos perto, ela agarrou a mãe, que teve ideia de colocá-la na frente do espelho, para que ela visse que a gente era igual a ela, não é? E quando ela se viu no espelho, ela desmaiou. Ela fixou o olhar no espelho, olhou para a mãe e desmaiou. A mãe ficou desesperada, todos nós ficamos apavorados com essa cena. E quando ela voltou, ela chorava intensamente, passava a mão no rosto da mãe e seguia chorando. A mãe pôs ela de novo na frente do espelho e ela desmaiou novamente. Eu pensei: aí tem alguma coisa, nessa imagem dela refletida no espelho, no que ela viu, no que ela sentiu com isso. E foi feito um belíssimo trabalho de ludoterapia, naquela ocasião: ela, o pai e a mãe. Eu me lembro daquele dia como se fosse hoje, porque voltei pra casa do meu amigo e aquilo não me saía da cabeça: porque tinha a ver com a imagem que ela viu e a deixou totalmente desconfortável. Voltei para Paris e fiquei pensando: o que será que houve com ela? Porque ela tinha uma mãe branca, certamente ela achava que o rosto dela era como o da mãe e como o racismo nos atravessa a todos e ele é inconsciente. E não se trata apenas de dizer: eu não sou racista. Albert Memmi (1920 - 2020), que era um ensaísta francês e contemporâneo de Fanon (Frantz Fanon, 1925-1961), e que escreveu o belíssimo livro 'O Racismo', dizia: "o racismo como uma entidade teórica, ele nada representa, ele nada faz; agora, para que ele aconteça, ele precisa de operadores do racismo." E quem são os operadores do racismo? Somos nós. Ele dava um exemplo que se fosse perguntado a alguém se ele era é racista, a pessoa diria: 'Eu não sou, mas eu sei quem é', porque assumir que é racista virou uma questão moral. Ninguém afirma: "Eu sou racista!". Era uma questão muito violenta dizer: "eu sou racista", então as pessoas diziam, imediatamente, que não eram. Mas, sim, somos todos racistas: a questão é, como o racismo atravessa o negro e como o racismo atravessa o branco. O racismo atravessa o negro de uma forma tão, tão violenta, que ele se volta contra si mesmo, ele tenta eliminar o próprio corpo, já que o racismo diz respeito à desconstrução do outro. O racismo autoriza a morte do outro, porque o racismo tem uma explicação dentro da ciência da biologia, numa perspectiva que traz seres superiores e seres inferiores. Assim foi com os judeus, com os negros: eles podem ser eliminados: nós, negros, podemos ser eliminados. E isso permanece até hoje. Quando você vê o que está sendo feito com o povo palestino, por exemplo, isto se repete: você inferioriza um determinado povo pra que você possa eliminá-lo sem culpa.

IP: *A construção de um racismo científico vem do século XIX, não é?*

IBN: Sim, e foi na França com Gobineau (Joseph Arthur de Gobineau, 1816-1882), muito próximo do Iluminismo, que ele dá uma justificativa galgada na biologia, como prova da inferioridade dos seres negros ou para que eles fossem considerados inferiores. Por exemplo, na nossa polícia e no exército eles aprenderem um perfil que foi traçado por um médico legista e psiquiatra baiano, chamado Nina Rodrigues (1862 -1906). Ele fez o perfil do bandido e esse perfil era o retrato falado do negro, que até hoje é usado, pelo exército e pela polícia, como perfil psicológico físico da bandidagem. Em 1873, o Gobineau, que era cientista, foi convidado pela corte para fazer um estudo sobre a população negra, ele diz o seguinte: os negros são feitos à vagabundagem, ao alcoolismo, suas mulheres são um objeto servil, não mantêm laços familiares, nem laços afetivos e não aprendem, porque não sentem dor. Os castigos físicos não ensinam a eles uma questão moral e ética, então tanto fazia: você podia matar um negro que ele jamais aprenderia, porque ele não tinha sensibilidade, um lugar de total desumanização. Isso em 1873, século XIX.

IP: *E, trazendo a cena para o Brasil, na época da escravidão, podemos pensar e entender que o negro foi posto num lugar completamente objetificado?*

IBN: Sim, o negro era comprado, vendido. E o que aconteceu, no estudo (de 1873) quando foi dito que nós não tínhamos capacidade de formar família, e na verdade, não podíamos casar entre nós porque éramos objetos e vendidos: se formássemos famílias, certamente faríamos laços e não poderíamos mais ser vendidos e divididos. No processo de escravidão, nenhuma mulher negra podia amamentar seu próprio filho: porque se ela o fizesse, fazia laço com o filho e, portanto, não se desprenderia desse filho.

IP: *E o curioso era que, eram justamente essas mulheres negras que eram as amas-de-leite dos filhos dos senhores brancos.*

IBN: Sim, e isso vai ter consequência, porque a primeira figura de parentalidade negra, foi instituída no Ventre Livre²: as crianças que nasciam, a partir desse momento, eram responsabilidade das mães, mas elas não podiam maternar seus filhos. Os filhos eram abandonados e deixados ali para serem cuidados por quem estivesse na senzala. A mulher negra aprendeu a maternar o filho do senhor branco. Por isso as famílias negras não têm o ato de se abraçar, se beijar e se acarinhar. O amor está no cuidado: limpar, lavar, ter o cabelo arrumadinho, ter que estudar e é esse é o valor nas famílias negras: você precisa estudar, ser alguém para que você exista. E isso é terrível, porque há uma contradição: você assume todas as insígnias da brancura, mas você não é visto como alguém que pode bancar essas insígnias: porque você não é branco. Então, hoje, por exemplo, vivi alguns momentos maravilhosos aqui, sou muito bem aceita em qualquer lugar do mundo onde eu vá.

² A Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro de 1871, foi uma das primeiras leis abolicionistas no Brasil, determinando que todos os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir daquela data seriam considerados livres. No entanto, essa liberdade não foi imediata para os próprios filhos, pois eles permaneciam sob a tutela de seus senhores até os 21 anos ou poderiam ser entregues ao Estado.

As pessoas me elogiam muito pelo trabalho, mas elas me dizem: "Eu estou surpresa!" O que eu mais ouço é: "eu estou surpresa, eu esperava, mas não sabia que você seria capaz de tudo isso". Se eu fosse uma pessoa branca isso não seria dito. Olha como o racismo nos atravessa. A pessoa fala isto querendo fazer um elogio e eu não sinto como uma agressividade. Mas na fala dela está: "você me surpreende!" Aí o racismo: o racismo é sutil. Quando ele é grosseiro e violento, quando se dá fisicamente, você sabe o que está acontecendo. Quando alguém é chamado de macaco, ninguém reage imediatamente, mesmo sendo um militante - isso leva uns segundos. Porque quando você nomeia o humano como macaco, você tira esse negro da ondição de sujeito e ele perde a condição de simbolização do que aconteceu. E aí ele não tem resposta, ele fica assombrado, em suspenso..., e as crianças negras, principalmente. Porque os adultos que são do movimento negro já entendem melhor, mas as crianças ficam adoecidas, totalmente adoecidas.

I P: Quando você recorre à questão da fase do espelho, do olhar da mãe, dessa identificação inicial, você se refere ao conceito de Lacan, mas, mais especificamente a leitura de Sami-Ali (Mahmoud Sami-Ali, 1925 - 2022) da fase do espelho. Inicialmente, a criança se identifica com o rosto da mãe e, em seguida, precisa se desidentificar dele, projetando um outro rosto - que coincide com o desejo materno - e identificando-se com ele. Esse é o percurso que conhecemos. Você diz que, para as crianças negras, ali já há uma fissura?

I B N: Porque entra o desejo da mãe e ela não consegue satisfazer, ela não se encontra no desejo da mãe. Ela não é a criança do desejo da mãe: e a gente só é sujeito no olhar do outro, e esse olhar do ponto de vista do inconsciente, não tem uma correspondência. A criança negra não se encontra no olhar materno porque ela não representa esse desejo, que seria o ideal da brancura.

I P: Antes de partir para este tema, poderíamos voltar para a questão anterior: você diz que acontece essa cena (do macaco), onde o sujeito negro fica em suspenso por que encontra essa marca original?

I B N: Essa marca original, na verdade, é uma vergonha. Uma vergonha de si. Radmila (Zygouris) vai trabalhar esse conceito: a marca original é uma vergonha de si, que é como se o outro, naquele momento, te enxergasse deste lugar, que é um lugar de um significante que remete a um significado até o mesmo ter sido desumanizado. Porque o trauma coletivo que se criou para a população negra brasileira (ter sido desumanizada) é transgeracional: ele vai de geração em geração inconscientemente. A gente vê crianças que nascem dentro de uma classe média negra com algum poder aquisitivo e que não tem muito contato com a família que mora na periferia - porque a família já "se arranjou"³, quando ela vai para uma escola de crianças brancas, porque os pais podem pagar, ela se deprime violentamente, porque ali ela é vista de um lugar diferente... Já atendi uma criança que ela dizia: " eu não quero ir para a escola, eu não quero mais ir para esta escola, eu quero ir para uma escola que tenha crianças como eu".

3 Expressão que, em português, significa que ascendeu socialmente.

IP: *E há uma diferença entre o narcisismo dessa criança e o narcisismo de uma criança negra que convive com outras crianças negras?*

IBN: Não, porque esse processo é inconsciente. Há uma fantasia de que seja possível. Todos nós os negros fantasiávamos que nós juntos, podemos ser acolhidos. E mesmo entre a gente, a gente não se acolhe, porque não queremos lembrar aquilo que está marcado no inconsciente. Para mim, hoje, isso não acontece mais: eu trabalhei mais de 20 anos em análise. Negros têm dificuldade de ver outros negros, têm medo de que esse outro tenha as insígnias da brancura suficientes e coloque o lugar dele em risco, entendeu?! Então, esse acolhimento que muita gente diz que acontece no movimento negro, mas muitas vezes isso não acontece. As mulheres, mesmo as feministas do movimento negro, não reconhecem, não acolhem os homens negros. Têm uma exigência que eles sejam como homens brancos: bem-sucedidos, com dinheiro, com escolaridade alta. E isso é ainda mais difícil entre os homens do que entre as mulheres. O que é ascender socialmente? O homem negro que ascende socialmente, se casa com uma mulher branca, não com uma mulher negra. Porque é sinal de ascensão, de aceitação, de lugar. E ele sofre horrores, porque vai sofrer o racismo dentro da própria família. Muitos pacientes meus que vêm de famílias inter-raciais, me dizem que a primeira decepção, a dor em relação ao racismo, acontece dentro da própria casa. Eu tive uma paciente que a mãe se casou com um homem branco e ela saiu uma negra de pele clara, mas o cabelo era bem carapinha⁴. E a mãe, quando ia pentear o cabelo dela dizia para ela: “mas eu casei com um homem branco para você ser branca e ter um “cabelo bom” e seu cabelo é ruim”. Então, a gente não se livra desta coisa e a questão para mim não é que a gente se livre disso, mas é que a gente tenha consciência disso: a consciência desse atravessamento permite que não se viva nessa utopia de que o mundo vai deixar de ser racista. O mundo vai deixar de ser racista? Não.

IP: *Você acha que não é possível?*

IBN: Acho que não é possível.

IP: *Nem daqui 100, 200 anos?*

IBN: Não, imagina! Se estamos falando do século XIII, XIV, XV e XVI, e chegamos assim no século XXI. Eu não conto e nem imagino que seja possível eliminar o racismo. É possível termos consciência dele. Hoje as pessoas já não se revoltam quando eu digo que somos todos atravessados pelo racismo e, portanto, todos vamos reproduzir o racismo, inclusive nós negros. Uma questão é entendermos como o racismo atravessa o negro e, como o racismo atravessa o branco. Fanon (Frantz Fanon, 1965 - 1961) escreve uma passagem de uma fala dele com o Sartre, e m que ele diz: “Sartre não entende que eu sou dentro do meu corpo. O branco não sofre o seu corpo, o negro sofre o seu corpo, o seu próprio corpo”. Fanon, psiquiatra francês, foi importante pra nós, porque foi o primeiro negro a nos humanizar. Aliás, eu dei uma entrevista pra revista *Percurso*⁵, antes de vir pra cá, escrevi um texto pequeno - que é uma provocação - e nesse texto escrevo isso: qual é

⁴ ‘Carapinha’ é um dos termos usados para se referir ao cabelo dos negros.

⁵ Revista do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil.

importância do Fanon? Ele nos humanizou, ele dizia que nós somos seres humanos. Porque até então havia essa concepção da inferioridade dada como científica. Mas Fanon afirma: “Não! Nós somos seres humanos!”. Pra mim Fanon tem essa importância, esse lugar. Penso que nós vamos viver melhor, brancos e negros, no momento e que nós entendemos que somos todos atravessados e que possamos perguntar: que racista eu sou? Nesse sentido o meu pensamento é absolutamente psicanalítico, até porque não é pra eliminar o conflito, mas é trabalhar com ele.

I P: *E em alguma medida, você não acha, a valorização da cultura negra, a entrada dos negros nas universidades, que as políticas afirmativas não podem alterar a realidade do racismo? Não que deixemos de ser racistas, mas alterar o exercício da segregação?*

I B N: Sim e não! Eu acho que as políticas afirmativas são importantes: eu sou por elas, eu luto por elas, mas o que acontece que quando o negro chega nesses lugares aonde são próprios dos brancos? Você deve conhecer o ESCUTA CRUSP⁶. Eu já estive ali diversas vezes e já tive em outros grupos dentro da USP⁷ e de outros grupos que fazem esses estudos.

Eu contava com o relato de uma sobrinha que fez História na USP, e ela dizia pra mim que quando voltava das férias, era uma coisa muito difícil, porque todos tinham ido para a Europa e ela ia para Praia Grande (SP), do lado de casa. Então essa diferença: a segregação dentro da própria universidade é quase que natural. Eu fui a primeira doutoranda negra na Psicologia da USP, não tinha nenhum colega negro... e isso não me traz nenhum orgulho.

I P: *E em relação às Ações Afirmativas, o que você teria a dizer às pessoas que fazem parte destes projetos, como fazem para se posicionar... porque, muitas vezes, eles entram nas instituições, mas não conseguem ocupar completamente os espaços.*

I B N: A possibilidade de cotas para a formação de analistas negros, ela tem um viés que é a diferença de classe. Quando falo que a vida me foi generosa, é que eu caí na casa de dois filósofos, o Félix Guattari (1930 - 1992) e a Radmila Zygouris. Morei com eles na França, que me deram formação pessoalmente. Mas os analistas negros que estão começando agora nas cotas, eles têm um buraco de formação, porque não tiveram acesso ao teatro, a boas leituras, a viagens, e isso tudo é parte da nossa formação. Eu pude viver tudo isso. Eu falo que eu sou uma pessoa que mostra ‘um certo topete’⁸, porque eu tive por trás de mim muitas insígnias. Me levavam para passear e mostravam museus, sugeriam lugares, leituras: eu fui muito bem narcisada pelos meus pares. E esse narcisamento, ele pode ser institucional: ele deve ser institucional. Se você dá um texto do Freud para um recém-chegado na psicanálise, ele vai ter dificuldade: o Freud era uma pessoa culta, ele tinha referência de Goethe, da filosofia, da antropologia, da sociologia... ele lia muito! E quem vem da periferia? O que terá lido? Vocês sabem, naturalmente, porque tiveram outros acessos. A nossa cultura é a cultura do samba, é a cultura popular. E a psicanálise exige um certo refinamento, o que pode acontecer caso houver um processo de narcisização.

6 Escuta CRUSP: projeto de apoio psicológico e saúde mental, do Instituto Sedes Sapientiae e Do Centro Saúde Escola Butantã, direcionado aos moradores do Conjunto Residencial da USP (CRUSP)

7 Universidade de São Paulo

8 Expressão/ gíria que significa: atrevimento e ousadia.

I P: Hoje, após a sua conferência (Isildinha realizou uma Conferência Magistral no Congresso, intitulada: 'Efeito do racismo no narcisismo do sujeito negro'), surgiu uma questão, onde você marcou uma diferença entre o conceito de branquitude e o ideal de brancura.

I B N: Então, branquitude não é um ideal, branquitude é um lugar. Cida Bento⁹ escreveu sobre isso e ela fala que a branquitude é privilégio, que é uma questão de privilégio. Eu, no entanto, penso branquitude como lugar e não como privilégio. Porque não é o privilégio que cria o lugar, mas é o lugar que traz o privilégio, não é? Se você nasceu branco, você tem um lugar e esse lugar vai ser uma garantia de vários privilégios: de saúde, cultura, escolaridade, trabalho, etc. e tal. Então, eu penso que branquitude, para mim, é sobretudo uma questão de lugar: o branco já nasce com um lugar, enquanto o negro já nasce excluído - de qualquer lugar. Inclusive eu mesma: se eu sair aqui na esquina, eu posso ser uma ladra, eu posso ser uma babá porque eu estou de branco. Como todas as sextas-feiras eu coloco roupa branca¹⁰, muitas vezes eu fui confundida com isso (ser uma babá). Eu e minha sócia, que estamos juntas há mais de 30 anos, mudamos para um novo prédio, no bairro Perdizes, mais aburguesado, e, numa sexta-feira, uma senhora entrou comigo no elevador, olhou bem em cima e me disse: "Você pode me indicar uma babá?" Quem sou eu? O negro é destituído da sua identidade permanentemente.

I P: Eu acompanhei um analisante negro, há muitos anos, e comecei a atentar pra questão do racismo quando ele contou um episódio da história dele. Quando ele era criança teve muita dificuldade para aprender a andar, caminhar com as próprias pernas. Conseguiu caminhar, depois que a mãe o levou num centro de Candomblé, onde o corpo dele foi investido com insígnias positivas. Você supõe que essas insígnias positivas da cultura negra podem ajudar a constituição subjetiva?

I B N: Muito. Tenho um livro da Monique Augras, da década de 70, que ela vai falar sobre isso, como os negros se salvavam, porque a tradição religiosa negra, ela supõe que você tenha a característica do santo a qual você pertence. Por exemplo, eu sou de Oxalá, sou uma pessoa, tranquila, amorosa, doce, charmosa... Não sou nada disso, mas a tradição, isto salva o negro, porque quando ele 'se faz no santo'¹¹- ele passa a ser e ter as características do santo. Se for de Iansã, é uma pessoa brava, que reage.... Então, assim você acaba criando uma identidade colada com a característica do santo e isso salva um pouco da baixa estima: você passa a ter uma autoestima e uma auto representação positiva de si. E nesse sentido há um processo de cura, porque você tem oportunidade de resgate dessa desvalia, digamos assim... você passa a outro lugar. Não importa se acredito ou não acredito. A questão é como o Candomblé traz esse resgate de possibilidade: resgata uma personalidade que pode gerá-la forte. Porque ela é mitológica, gera orgulho e insígnias positivas.

9 Cida Bento é doutora em Psicologia pela USP, publicou o livro "Pacto da Branquitude: São Paulo, Companhia das Letras, 2022

10 Tradição de hábitos de vestimenta, de matriz africana, que tem origem nas religiões como o Candomblé e a Umbanda.

11 "Se fazer no santo" é o termo popular para a iniciação no Candomblé, um processo de renascimento espiritual que estabelece uma conexão com o orixá do indivíduo.

IP: O que você diria aos psicanalistas para afinar sua escuta e entender o sujeito negro?

IBN: A primeira coisa que eu teria a dizer é ter uma noção da metapsicologia do sujeito negro. A primeira experiência de análise minha foi com um homem maravilhoso, progressista, de esquerda, que assumiu fazer análise para uma moça, uma menina negra, eu era jovem, cobrando abaixo de preço social. Mas eu sentia que ele não conseguia me ouvir muito, mas um belo dia ele me disse: “eu quero que você vá visitar um psiquiatra”. Sento no divã assustada, por que um psiquiatra? E ele diz: “Você vê racismo em tudo e no Brasil racismo não existe. Você tem sentimentos persecutórios”. Fui embora, escrevi uma carta, deixei no consultório dele e nunca mais voltei. Se eu tivesse ouvido a voz dele nesse sentido eu não sei onde estaria e nem quem eu seria. Iria para um psiquiatra que certamente não ouviria diferente o racismo. Ele não via o racismo, não admitia o racismo que existia no país e achava que o racismo não afetava a subjetividade das pessoas. O racismo adocece, afeta a subjetividade: é preciso que o analista entenda o quanto somos afetados pelo racismo e entenda um mínimo da metapsicologia do sujeito negro. Mas os estudos ainda são rudimentares. Neuza Santos Souza¹² (1948 - 2008) foi quem trabalhou isso metapsicologicamente. Lélia Gonzalez¹³ não faz esse trabalho, ela faz uma análise mais sociológica da sociedade brasileira - o que é importante para a psicanálise. Virgínia Leone Bicudo¹⁴ (1910 - 2003) parece ter se dado conta disso, mas não teve condições de trabalhar com o tema na sua época. (Importante frisar que todas elas são mulheres negras.)

Neuza se suicidou! O que é muito triste. E ela se suicidou por essa questão, com certeza! Eu escrevi uma carta pra ela que saiu editada na revista do Círculo Psicanalítico¹⁵. Nessa carta, eu dou notícias do que aconteceu de lá pra cá. E ela tinha um sentimento..., na última vez que eu encontrei com ela antes da tragédia, ela dizia: “eu sou uma psicanalista, eu sou uma psicanalista! Não me fale mais desse livro (Tornar-se negro) ... Eu sou uma psicanalista!”. Ela não se via reconhecida e nem acolhida pelos seus pares. Fiquei muito feliz porque estive numa mesa em homenagem a ela e a primeira coisa que o Jurandir (Freire Costa, que escreveu o prefácio do livro Tornar-se Negro) falou: “Silenciamos a Neuza Santos! Ela foi silenciada”. Foi um alívio porque ela merecia esse reconhecimento. Para escutar e entender o racismo, precisamos conhecer a metapsicologia e o trabalho ainda é insuficiente diante do que precisa ser feito. E normalmente a resistência que eu encontro é porque eu falo: Clínica não é militância e militância não é clínica. Sei que talvez o movimento negro se chateie com essa minha fala, mas, sinto muito. Eu sou uma psicanalista e minha cabeça pensa pelo viés psicanalítico: essas duas coisas são completamente diferentes. Na clínica, vamos escutar o sujeito negro, nós não vamos falar do livro tal, da leitura tal, nem vamos contar a história da escravidão: ela está ali já. Só precisamos ouvir de que maneira esse sujeito assimilou, para entender a sua subjetividade.

12 Neuza Santos -psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira e publicou “Tornar-se Negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, e reedição 2001.

13 Lélia Gonzalez – ativista, professora universitária, filósofa e antropóloga brasileira, entre outras obras, publicou em coautoria com Carlos Hasenbalg, “Lugar do Negro”. Rio de Janeiro. Zahar, 1982

14 Virgínia Leone Bicudo socióloga e pioneira na psicanálise e nos estudos raciais no Brasil. Publicou entre outros: “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo. São Paulo, 1947. Reeditado São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

15 Revista do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro: ‘Cadernos de Psicanálise’.